

CIÊNCIA ESPIRITUAL E PENSAMENTO ANTROPOSÓFICO GOETHEANÍSTICO: UM SABER DECOLONIAL E EMANCIPATÓRIO

*SPIRITUAL SCIENCE AND GOETHEANISTIC ANTHROPOSOPHICAL THOUGHT: A
DECOLONIAL AND EMANCIPATORY KNOWLEDGE*

*CIENCIA ESPIRITUAL Y PENSAMIENTO ANTROPOSÓFICO GOETHEANA: UN
CONOCIMIENTO DESCOLONIAL Y EMANCIPATORIO*

Yuri Rodrigues da Cunha
E-mail: cunhayr@gmail.com

RESUMO

Neste trabalho o nosso objetivo é demonstrar que o pensamento do filósofo Rudolf Steiner pode ser utilizado, por seus princípios metodológicos, como instrumentos potentes para resistência dos territórios sagrados, frente à colonização política-científica, cujas premissas se baseiam em aspectos materialistas e desencantadas. Com isso, partindo da compreensão decolonial de Catharine Walsh, nosso argumento consiste em defender que a perspectiva metodológica da antroposofia goetheanística, permite o pesquisador e educador, estar com uma abertura constante diante dos fenômenos vivos que se apresentam, com a finalidade de chegar àquilo que é essencial em sua relação com mundo vivenciado. Concluiu-se que a ciência espiritual oriunda da perspectiva metodológica da Antroposofia, se torna uma importante ferramenta para a busca de uma emancipação humana, a partir da compreensão de que a ciência espiritual é em si, uma dimensão prática e que deve possibilitar a transformação efetiva da realidade, considerando-o como parte de outros saberes negligenciados pelo pensamento materialista-desencantado. Palavras-chave.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência Espiritual. Filosofia Antroposófica. Decolonização.

ABSTRACT

In this work, our objective is to demonstrate that the thought of the philosopher Rudolf Steiner can be used as a powerful instrument for the resistance of the sacred territories, against the political-scientific colonization, whose premises are based on materialistic and disenchanted aspects, because of his methodological principles. Thus, based on Catharine Walsh's decolonial understanding, our argument consists in defending that the methodological perspective of Goetheanistic anthroposophy enables the researcher and educator to be constantly open to the living phenomena that present themselves in order to reach what is essential in your relationship with the experienced world. We concluded that from the methodological perspective of Anthroposophy, spiritual science becomes an important tool in the search for human emancipation, based on the understanding that spiritual science is itself a practical dimension and that it should enable an effective transformation of reality by being considered as part of the other knowledge that is neglected by materialistic-disenchanted thinking.

KEYWORDS Spiritual Science. Anthroposophical Philosophy. Decolonization.

RESUMEN

En este trabajo, nuestro objetivo es demostrar que el pensamiento del filósofo Rudolf Steiner puede ser utilizado, por sus principios metodológicos, como poderosos instrumentos de resistencia de los territorios sagrados, contra la colonización político-científica, cuyas premisas son basado en aspectos materialistas y desencantados. Así, partiendo de la comprensión descolonial de Catharine Walsh, nuestro argumento consiste en defender que la perspectiva metodológica de la antroposofia *goetheana* permite al investigador y educador estar constantemente

abierto a los fenómenos vivos que se presentan, para llegar a lo esencial en su relación con el mundo experimentado. Se concluyó que la ciencia espiritual desde la perspectiva metodológica de la Antroposofía se convierte en una herramienta importante para la búsqueda de la emancipación humana, partiendo del entendimiento de que la ciencia espiritual es en sí misma una dimensión práctica y que debe posibilitar la transformación efectiva de la realidad, considerándola como parte de otros conocimientos descuidados por el pensamiento materialista-desencantado.

PALABRAS-CLAVE: Ciencia Espiritual. Filosofía antroposófica. Descolonización.

INTRODUÇÃO

*Tenho o privilégio de não saber quase tudo.
E isso explica
o resto.*

Manuel de Barros.

In: Menino do Mato, Rio de Janeiro: Objetiva, 2015

O presente artigo tem por objetivo demonstrar que o pensamento do filósofo Rudolf Steiner pode ser utilizado – em virtude de seus princípios metodológicos – como potente instrumento de resistência dos territórios sagrados, frente à colonização político-científica da dimensão espiritual. Desta maneira, assim como para Manuel de Barros, o privilégio de não saber quase tudo deveria ser, conforme compreendido aqui, a posição do educador e pesquisador diante da realidade. O não-saber-quase-tudo na ciência espiritual permite que este saber se torne um vasto campo para o educador diletante.

Adota-se como premissa que a modernidade ocidental capitalista, ao se estruturar atravessada pelo pensamento iluminista¹, segundo o qual a racionalidade científica deve ser o farol a iluminar a vida prática, coloniza o campo espiritual, relegando-o ao campo “subjetivo”, alienante da realidade social objetiva. Desta maneira, o pensamento materialista-desencantado ao se pautar por racionalidade científica eurocentrada, seja para buscar legitimar a lógica social capitalista², quanto propor caminhos para uma emancipação humana³, não dá conta de perceber

¹ Como iluminismo chamamos a atenção ao pensamento filosófico e social europeu, como Bacon, Descartes, Locke, Hume, Rousseau, Kant, Hegel, Marx etc. Embora distintos entre si, partem de um critério para observar a realidade objetiva, uma racionalidade cujo critério de verdade é uma razão científica materialista e desencantada, efetivamente, levada em consideração dentro de uma cosmovisão científica.

² Pode ser mencionado o liberalismo, por exemplo, ao buscar legitimar a modernidade capitalista; busca se pautar num pensamento científico que irá compor esse campo materialista-desencantado, a que estamos chamando a atenção ao longo do artigo.

³ Podemos genericamente apontar para os pensamentos socialistas e comunistas, de inspiração marxiana; mesmo que o pensamento esteja direcionado à emancipação humana, compreendendo principalmente seus aspectos econômicos e políticos e como esta contradição gera a necessidade de um processo revolucionário. Porém, mesmo que numa lógica científica de classe, essa racionalidade compõe também o campo materialista-desencantado.

a sutileza e complexidade da ciência espiritual, ao mesmo tempo em que a ignora como um potente campo para busca de uma emancipação humana.

Com isso, faz-se necessário compreender a ciência espiritual como um campo que deve contribuir à emancipação humana, e por isso o primeiro passo a ser dado é analisá-la sob a perspectiva decolonial, conforme apresentado por Wash (2009), para a qual o pensamento decolonial busca romper com uma estrutura do pensar e agir, presente nas diferentes formas de organização social e cultural, em imaginários e mentalidades, que reforçam lógicas de dominação e de certos saberes sobre outros⁴. Assim, os saberes decoloniais devem buscar, na transdisciplinaridade, interculturalidade e bem viver, formas de construir outras possibilidades de existências futuras (WASH, 2009).

Para isso, busca-se aqui apresentar o seguinte argumento: a filosofia antroposófica goetheanística – ainda que europeia –, quando compreendida e adotada metodologicamente, oferece mais um campo de possibilidades ao pesquisador-educador para desenvolver de uma postura diletante, orientada por uma ciência espiritual, se converte em mais um instrumento decolonial. A filosofia antroposófica goetheanística se baseia no pensamento social de Rudolf Steiner.

A postura diletante, tal como na epígrafe de Manuel de Barros, carrega o privilégio de não saber quase tudo, e isso possibilita uma abertura constante diante dos fenômenos inorgânicos e orgânicos que se apresentam⁵. Em suma, a postura diletante é também uma posição ética com o mundo que circunda esse educador, buscando o que é essencial na relação do sujeito observador com o objeto observado, cuja finalidade é compreender a unidade entre ambos.

Esta postura diletante pode ser uma importante ferramenta para o campo pedagógico, se considerado que os educadores deveriam ser incessantemente interessados pelo mundo e seus múltiplos fenômenos. Se estivermos, portanto, abertos aos fenômenos da realidade, também devemos estar para a ciência espiritual e buscar uma prática pedagógica coerente às suas premissas que, por meio da decolonização, apontem para uma das múltiplas possibilidades de emancipação humana.

Entende-se aqui que o campo espiritual no ser humano é um dos âmbitos constitutivos do ser humano e de suas potencialidades, mas não é – ou é de maneira quase nula – levada em

⁴ Aqui a racionalidade materialista-desencantada sobrepõe-se à ciência espiritual.

⁵ Dentre eles, o conhecimento pedagógico e a atividade docente.

consideração no paradigma científico-político atravessado pelo materialismo-desencantado. Na visão de Steiner, o campo cultural do ser humano é constituído por ciências, artes e religiões, quase como uma compreensão da “natureza humana” (STEINER, 2000, 2013, 2014).

Para sustentar o argumento, recorreremos ao pensamento do filósofo austríaco Rudolf Steiner, que, ao se inspirar no método desenvolvido por Goethe, formulou as bases de uma ciência espiritual que possibilitaria, em sua visão, um pensar decolonial em relação ao pensamento materialista-desencantado, representado naquele momento pelo eurocentrismo kantiano⁶, que ignorava uma dimensão espiritual em sua epistemologia. Segundo Steiner (2020), essa racionalidade materialista-desencantada criou as bases para um pensamento burguês que leva a uma degeneração de seus próprios alicerces.

Esta forma de compreender a separação de sujeito e objeto, baseada na visão iluminista kantiana, segundo o pensamento de Steiner (2012), fez com que a concepção do conhecimento do ser humano só fosse possível na medida em que a regulação lógica do próprio conhecimento surgisse na alma autoconsciente que se distancia do objeto, enquanto o fundamento da ciência espiritual em Steiner se baseia no inverso, na capacidade de o observador perceber em si o observado, e perceber a si no observado.

Assim, o desdobramento do pensamento kantiano contribuiu para a emergência de científica positivista, à qual sujeito e objeto devem estar totalmente separados, de modo que o primeiro deve se distanciar ao máximo e não interferir objetivamente, tampouco subjetivamente, no que é observado (STEINER, 2012).

Por isso, de acordo com o pensamento materialista desencantado, o limite do conhecimento está no próprio conhecer e suas representações, nunca chegando ao *ser-em-si*. Por outro lado, segundo a perspectiva antroposófica goetheanística, o interesse consiste em aproximar sujeito e objeto, a ponto de que ambos se interpenetrem e o sujeito passe a conviver com o objeto dentro de si, na mesma medida em que se projeta nele, estabelecendo uma unidade. Nesse sentido, Steiner argumenta que Goethe não buscava ter razão, mas estar sempre no caminho para o que é verdadeiro e vivo (STEINER, 2011a), portanto em constante movimento.

Desta maneira, cabe destacar que a preocupação da Ciência Espiritual está menos em desnudar e desencantar a materialidade do mundo – lógica do “conhecer é poder” de Bacon –, mas em desenvolver outro olhar para o próprio ser humano e para o mundo, encantando-o,

⁶ A visão de Kant será abordada de maneira mais detalhada ao longo do artigo.

atravessado pelo paradigma espiritual. Ao ser incorporado por um pesquisador localizado no sul, tal paradigma pode tornar-se uma ferramenta que permita uma aproximação com outros saberes negligenciados pela racionalidade materialista desencantada.

Para Steiner, o ser humano só chega à totalidade, a um conhecimento genuíno do ser humano, ao compreender que este completa do sentido de movimento que está posto no mundo (2004), isto porque os fenômenos que ocorrem exteriormente estão em movimento, do qual nosso sentido capta somente um instante. Assim, esse sentido completo só pode ser alcançado se o ser humano o fizer idealmente, em certa medida, espiritualmente e intuitivamente.

Essa perspectiva da ciência espiritual parte da premissa na qual, o pesquisador-educador deve possuir uma postura diletante frente à realidade, que o leva a uma genuína vinculação do ser com qualquer a realidade que lhe seja exterior.

Compreende-se, com isso, que essa postura diletante é filosófica e permite ao pesquisador-educador estar aberto a tudo aquilo que lhe chega, sejam movimentos oriundos do mundo inorgânico ou orgânico, e destes, dos vegetais às relações sociais, com isso demonstrando nossa implicação constante no mundo em que vivemos. Do ponto de vista objetivo, por exemplo, ao adotarmos como educadores essa postura curiosa sobre o próprio currículo pedagógico, posso, por exemplo, questionar as razões pelas quais o saber de espiritualidade não é levado em consideração na racionalidade materialista e desencantada.

Embora possamos afirmar que Rudolf Steiner, por ser europeu, possua em si mesmo limites a uma prática decolonial, a que se propõe este artigo, entendemos que a incorporação livre e criativa dessa forma de pensar a partir do sul pode se tornar uma importante aliada para a construção de um saber de espiritualidade que nos sensibiliza e nos religa aos saberes negligenciados por uma lógica científico-política materialista, e permite outro olhar do pesquisador-educador para si e para sua prática docente.

FILOSOFIA ANTROPOSÓFICA GOETHEANÍSTICA

Rudolf Steiner foi um filósofo austríaco que viveu entre 1861 e 1925 e deixou um vasto legado sobre o que denominou Ciência Espiritual (ou ciência do espírito). A coleção de suas obras completas forma um acervo com mais de 300 volumes, entre livros e conferências públicas, versando de temas como a filosofia, epistemologia, pedagogia, agricultura, medicina,

economia, política, arquitetura, artes, eiritmia, religiosidade e cristianismo místico, dentre outros.

Em razão da grandeza material das obras deixadas por Steiner, recorreremos às obras do que chamaremos período antroposófico goetheanístico, que abarcam do GA (do alemão *Gesamtausgabe*, ou “obras completas”) 01 ao 07, no qual é abordado especificamente o que estamos chamando de filosofia antroposófica goetheanística – ainda que o termo antroposofia só tenha sido utilizado por Steiner a partir de 1913 – e também suas obras de maturidade, em grande maioria conferências públicas, que chamaremos aqui de pensamento filosófico antroposófico steineriano.

O caminho percorrido por Steiner em sua origem filosófica compreende uma análise das obras científicas de Goethe e, por conseguinte, a tradição filosófica ocidental, que vai dos filósofos pré-socráticos a Kant, passando por Schiller e chegando a Nietzsche. Nas obras de maturidade, Steiner demonstra os desdobramentos desse pensar da ciência espiritual na vida prática.

Sua primeira obra catalogada foi chamada de “A obra científica de Goethe”, escrita entre os anos de 1884 e 1897. Neste livro estão as introduções dos relatórios produzidos por Steiner sobre os escritos científicos de Goethe para a *Deutsche National-Literatur* (Literatura Nacional Alemã), organizada por Joseph Kürschner em fins do século XIX. O livro foi publicado pela primeira vez um ano após a sua morte em 1926, correspondendo ao primeiro volume da Edição Completa de Rudolf Steiner (*Rudolf Steiner Gesamtausgabe*).

Compilado a posteriori como um livro, essa obra se torna uma importante chave interpretativa para a filosofia antroposófica goetheanística, e nele Steiner aborda o que pode ser visto como uma espécie de filosofia da ciência de Goethe, mas que traz em si uma base do pensamento filosófico antroposófico steineriano, que o autor desenvolveu em suas obras de maturidade.

A partir da busca em compreender o pensamento científico de Goethe, Steiner buscou uma coerência entre premissas metodológicas e epistemológicas, os fundamentos da forma de pensar desenvolvida por Goethe, com o próprio pensamento do autor. Isso o levou a se deparar com uma dimensão sutil e profunda da relação entre sujeito e objeto, diferentemente da perspectiva hegemônica da época, representada pelo pensamento kantiano, que operava uma separação entre ambos.

Steiner (1984) percebeu que em Goethe o conhecimento só é possível não pela mediação puramente racional, de uma razão pura, mas, de uma dimensão fenomenológica entre sujeito e objeto, isto é, a preocupação é o que está entre o sujeito e o objeto e como se vinculam, e não como se distanciam e se separam, na medida em que mediamos sujeito e objeto pelo saber racionalista.

Para Steiner (2011a), era importante não compreender apenas os resultados das proposições diletantes de Goethe, mas, principalmente, a postura que ele adotava frente aos fenômenos do mundo orgânico e inorgânico, pois se quisermos compreender todo o conteúdo de suas obras, inclusive seus poemas, deve ser levada em consideração essa postura. O que importava para Steiner era o modo como Goethe se colocava no mundo, buscando aquilo que frutifica, isto é, aquilo que é verdade. O verdadeiro não é só o fenômeno, a coisa-em-si ou o ser humano, mas esse saber vivo e pulsante que emerge como um rizoma⁷ entre eles; é assim, por meio de um vivo interesse pelo mundo, visando não dar uma solução definitiva aos problemas do mundo, mas perguntar onde começa o problema e, por consequência, manter-se assim nas fronteiras do cognoscível.

Na visão de Steiner (2011a), o fato de o ser humano pensar que deve buscar resultados a um determinado problema o priva da possibilidade de perceber claramente um sem-fim de coisas que cabem dentro do dito problema. Nesse sentido, Steiner em seus estudos sobre Goethe não buscava apenas escutar suas palavras, mas atentar-se à sua maneira de viver.

Entendemos aqui que esse olhar de Steiner para a postura de Goethe diante do mundo se tornou fundamental para o desenvolvimento de seu próprio pensamento; na medida em que mais compreendia o pensamento de Goethe, mais evidente para Steiner ficava sua própria forma de ver o mundo. Ou seja, quanto maior a clareza de Steiner sobre o pensamento de Goethe, mais nitidez tinha de seu próprio pensar. É nesse sentido que Steiner argumenta: “quanto mais lutava para desenvolver, por mim mesmo, minha concepção de mundo, melhor parecia ser minha compreensão de Goethe” (STEINER, 2011a, p. 13).

Com isso, Steiner (2008) argumentou que a visão científica de Goethe foi atravessada por uma sensibilidade e sutileza que lhe permitiram ultrapassar uma perspectiva científica, preocupada não apenas em coletar observações e criar conhecimento a partir das experiências isoladas, mas em construir e oferecer uma visão satisfatória e global do mundo e da vida. O que

⁷ Como o rizoma, a filosofia é feita entre as coisas mais diversas e tem a potência de desenraizar o ser. É o esforço de pensar a multiplicidade sem partir da unidade nem a encerrar em uma totalidade.

Steiner defendia era que a filosofia da ciência, cujo expoente maior era Kant, buscava desencantar e solucionar os problemas do conhecimento e da própria realidade, numa perspectiva de que conhecer é poder.

Era como se a ciência e o método kantiano e iluminista tentassem desencantar o mundo, ao passo que Goethe, em sua visão romântica, buscava o oposto: o encantamento e os mistérios da própria realidade. Por isso se preocupava com o que acontecia entre os fenômenos do mundo, entre sujeito e objeto, entre o mundo real e o ideal, como produto de nosso próprio pensar no mundo e sobre o mundo.

Essa polaridade entre Kant e Goethe permitiu a Steiner desenvolver uma teoria do conhecimento que buscava delimitar os parâmetros essenciais para a compreensão do próprio pensar e da realidade vivida pelo sujeito pensante. De acordo com Steiner (1995), Kant errou duplamente em suas duas premissas sobre a teoria do conhecimento. Ao questionar sobre a possibilidade de um conhecimento válido, Kant respondeu que, primeiro, a necessidade de termos, além da experiência, mais um caminho para conseguir conhecimentos; o segundo erro consiste no fato de que, para esse filósofo, todo saber obtido através da experiência ter apenas uma validade relativa (idem, p. 18).

Desta maneira, Steiner (1985) afirmava que Kant, embora tivesse formulado um grande edifício conceitual, pecou na fundação dos alicerces, levando ao desmoronamento de toda sua construção, uma vez que, ao compreender que todos os objetos dados são representações mentais nossas, isso resulta num apriorismo kantiano. Dito de outra maneira, Steiner julgava que Kant não partia de princípios corretos para a pergunta gnosiológica fundamental, ainda que este paradigma kantiano tenha se tornado hegemônico no pensamento iluminista.

O que estava posto e importava para Steiner era a possibilidade de um conhecimento que estivesse além da impossibilidade de conhecer o ser em si e de compreender parcialmente os critérios de seu próprio conhecimento. É possível, segundo Steiner, um pensar intuitivo, livre e genuinamente espiritual – suprassensível –, mas não meramente idealismo, que se converta em instrumentos para a vida prática e objetiva.

O conhecimento suprassensível não é simplesmente algo que atende a uma necessidade teórica: destina-se à verdadeira vida prática. É precisamente em virtude da forma característica da vida mental moderna que o conhecimento espiritual constitui um domínio cognitivo indispensável ao nosso tempo. (STEINER, 1994, p. 17)

De acordo com Steiner, os:

[...] fundamentos da Teoria do Conhecimento como ciência da significação de todo saber humano. É ela que nos faculta o discernimento da relação que reina entre o conteúdo das ciências e o mundo. É ela que possibilita chegar a uma cosmovisão, com auxílio das ciências. (STEINER, 1985, p. 50)

Isso significa que em Steiner o importante era buscar compreender a relação entre o conteúdo das ciências e o mundo, pois a “teoria em si e por si de nada serve senão para fazer-nos crer na conexão dos fenômenos” (STEINER, 2008, p. 30). Assim, seria preciso que a ciência, o pensamento válido, esclareça as relações mútuas, do mundo real e do ideal, estabeleça vínculos de complementaridade entre a ideia e a realidade. Essas inter-relações é que importam, mais até do que conhecer a coisa em si, mas como ela se movimenta e nos afeta.

Por isso, dentro da filosofia antroposófica goetheana, Steiner teceu críticas ao pensamento iluminista, chamando a atenção para os limites de um olhar materialista para a realidade, e postulou a necessidade de desenvolver um conhecimento do conteúdo espiritual, isto é, com o espírito humano individual, com as criações da cultura, da literatura, com as convicções científicas e com as criações artísticas. Esse leque metodológico nos é bastante útil para empreender um olhar para a realidade na qual estamos inseridos, por uma ótica da Ciência Espiritual, e para a reflexão do pesquisador-educador sobre si e sobre suas próprias concepções pedagógicas, possibilitando ferramentas à prática decolonial científica-materialista.

Neste momento, é mais importante, aos objetivos traçados neste artigo, compreender o pensamento filosófico e metodológico de Steiner, isto é, nos interessam mais as problemáticas propostas por Steiner do que as respostas desenvolvidas ao longo de suas obras.

Assim, deve estar na consciência que falar de uma ciência espiritual requer, sobretudo, um intenso trabalho sobre si, que seja implicado e engajado com a dimensão prática. Entende-se aqui que o pensamento de Steiner, por isso, pode ser uma potente ferramenta decolonial, pois possibilita ao pesquisador-educador o questionamento de tudo o que o envolve na prática docente, portanto, tanto sua postura enquanto professor diante dos alunos, quanto numa postura diletante frente aos currículos, que invariavelmente produzem uma colonização espiritual necessária à lógica social do capital em seu elemento científico-materialista.

O lugar para o qual se olha ao buscar respostas para seus próprios questionamentos seria, para Steiner (2011a), um saber intuitivo-espiritual, e este deveria ser um dos fundamentos das ações humanas.

Portanto, a filosofia antroposófica goetheanística em postura diletante diante do mundo pode ser uma importante ferramenta decolonial, conforme se argumenta ao longo deste trabalho, pois, na medida em que se busca o que é verdadeiro, maior é a relação e o grau de aproximação do ser humano com o mundo, que evidentemente se diferencia deste, mas é como se o mundo saísse do lugar a cada passo que déssemos.

Com isso, o próximo passo a ser dado neste artigo é apresentar de que maneira esse fundamento metodológico proposto por Steiner pode ser um útil apoio para a construção de um saber decolonial, que ainda é um *vir a ser*.

ASPECTOS IMPORTANTES AO EDUCADOR: ANTROPOSOFIA É MÉTODO, NÃO DOCTRINA

Toda abordagem apresentada aqui, sobretudo do pensamento de Steiner e uma postura diletante, desdobra-se numa concepção de educação de Steiner levada a cabo com a construção de uma escola na antiga fábrica de cigarros Waldorf-Astoria, em Stuttgart, na Alemanha.

As formulações contidas nas obras iniciais de Steiner se converteram nas suas concepções metodológicas de educação, que podem ser, por seu turno, importante ferramenta decolonial. De maneira breve, a concepção pedagógica Steiner (2018) se baseia no que o autor entende como a antropologia do aluno, isto é, um olhar para os processos de desenvolvimento dos âmbitos físicos, que envolvem o andar, o falar, o pensar etc., com o desenvolvimento espiritual, como uma dimensão dos impulsos e vontades que orientam o ser humano.

Atravessado por esse olhar para o ser humano, Steiner (2000, 2003, 2020) desenvolveu um complexo edifício pedagógico, cujo elemento importante é que o educador deve ter um olhar sutil e sensível, abordando os conteúdos adequados a cada faixa etária. Desta maneira, definem-se ciclos de sete em sete anos, chamados setênios; em cada período o educador deve se atentar com olhar e objetivo específicos. Ao longo da formação escolar, o papel do educador é ir retirando os excessos, para que os alunos possam se tornar seres humanos livres, conscientes de si, do mundo e de sua atuação neste.

Como ilustração do argumento aqui apresentado, Steiner entende que as crianças com idade escolar, por volta dos sete anos, deveriam paulatinamente receber os conteúdos muito mais ligados às imagens contidas em contos e histórias. O educador deveria atuar usando imagens com estudantes na puberdade, com conteúdo científico, abordando-o por meio de biografias que permitam aos educandos observarem experiências de vidas que lhes possam ser

inspiradoras. Para os jovens após na pós-adolescência, todo conteúdo científico e espiritual pode lhes ser útil para o juízo sobre o mundo, para o agir de maneira livre. Em meio a esse pensamento, os âmbitos da cultura se constituem como os elementos científicos, artísticos e espirituais.

Essa concepção pedagógica com suas ferramentas metodológicas permite ao pesquisador-educador religar-se por meio de uma reflexão íntima e espiritual ao mundo e aos outros seres humanos (STEINER, 2000, 2003, 2020), agindo eticamente e espiritualmente orientado.

Essa ação ética e espiritual depende, portanto, de uma postura diletante sobre o mundo, conforme já arrolado aqui; por meio desta, vinculo-me a imagens e biografias historicamente negligenciadas e silenciadas pelo pensamento racionalizado e desencantando, que é também colonizador.

Essa postura decolonial tem suas origens no pensamento filosófico cujo “conteúdo espiritual [corresponde] com o espírito humano individual, com as criações da cultura, da literatura, com as sucessivas convicções científicas, com as criações da arte. O elemento espiritual é captado pelo espírito” (STEINER, 2004, p. 99). Esse conteúdo espiritual pode ser compreendido como um grande campo do impulso humano e de suas potencialidades, que podem ser explorados se levados em consideração. Com isso, a ciência espiritual não deve ser um fim em si mesma, mas um impulso para a atuação prática no mundo. Dito de outra forma, é “conhecer o mundo espiritual para, segundo este conhecimento, determinar sua participação no mesmo” (STEINER, 2004, p. 100).

A perspectiva espiritual de Steiner não está numa dimensão idealista que leva o ser humano para a alienação das condições objetivas da vida, pois o “ensino exige um relacionamento da alma do docente com as mais elevadas ideias da humanidade” (STEINER, 2018, p. 50). Assim, “temos que ficar cômicos, antes de tudo, desta primeira tarefa pedagógica, que consiste em primeiro educarmos a nós próprios, fazendo reinar uma relação mental e espiritual íntima entre o professor e os alunos” (idem, p. 33). Somente assim poderia ser observada a grande finalidade da busca da formação humana: a liberdade.

Na perspectiva steineriana, a liberdade é possível no autoconhecimento, e é algo em que o ser humano se autodetermina. O ser humano deveria ser “cômico de que seu pensar, sentir e querer partem de seu ‘eu’. Toda atividade de nossa personalidade está ligada a esse centro do nosso ser” (STEINER, 2004, p. 104).

A partir desta perspectiva metodológica de Steiner é possível pensar uma prática docente. De acordo com o pesquisador Bach Jr. (2019), a perspectiva educacional que Steiner desenvolveu, baseada na fenomenologia goetheana, colocou primeiramente os educadores em uma situação de estímulo para a própria atividade reflexiva e julgadora de suas percepções, que devem ter como baliza uma autoeducação.

A prática e a teoria da fenomenologia são construídas em sala de aula e os educadores não estão no mero papel de informadores, mas de condutores de processo fenomenológico seguindo orientações como: dirigir e concentrar a atenção da consciência para uma metodologia da observação, criar uma dinâmica indagadora sobre as percepções para estimular a autonomia reflexiva dos alunos, proporcionar abertura para averiguação e constatação na formulação dos próprios juízos a respeito do que foi observado, permitir uma flexibilidade no uso da linguagem padronizada, julgamento e conclusão dos fenômenos, abrir espaço para testar e para não impor hipóteses, incentivar diversos modos de representação como prática de uma versatilidade da intencionalidade da consciência. (BACH Jr., 2019, p. 181)

A prática docente, orientada por uma perspectiva metodológica antroposófica, não significa observar o ser humano a partir de uma ciência espiritual abstrata, mas de um ser humano consciente de si mesmo, de um adulto que questiona as percepções, estimula a consciência reflexiva dos alunos e não se fixa apenas à sua prática individualmente, mas se vincula também à dimensão histórica do povo de onde vive.

O homem não pertence apenas a si próprio; ele também pertence à sociedade. O que se revela não é apenas sua individualidade, mas também a da nacionalidade a que ele pertence. O que ele realiza se origina de sua força, mas também da força plena de seu povo. Com sua missão ele cumpre uma parte da missão de seu povo. O que importa é que seu lugar no âmbito de seu povo seja tal que ele possa fazer valer plenamente a potência de sua individualidade. (STEINER, 2004, p. 104)

Assim, se estamos levando em consideração a perspectiva metodológica antroposófica para a prática docente, também deve ser levado em consideração o que Steiner chama de “seu povo”. Como um sujeito de seu tempo, ele também vinculava a individualidade ao povo onde o sujeito vive. Assim, se vivemos num país como o Brasil, que possui determinada configuração histórica, não há como não falar do violento processo de colonização.

É importante chamar a atenção nesse momento para um educador que, orientado por uma perspectiva metodológica antroposófica, e levando em conta a dimensão espiritual, nos

possibilita observar e questionar um saber histórico do ser humano que é silenciado diante de um pensamento iluminista e desencantado. O educador imbuído de uma postura ética diante do mundo, consciente de seu autodesenvolvimento e de seu conhecimento, ao buscar um agir em liberdade (a sua e de seus alunos), se torna em si, a nosso ver, um educador para a decolonialidade.

Nesse sentido, a perspectiva diletante oriunda da metodologia antroposófica, que considera a ciência espiritual como elemento central e basilar, permite a emergência de outras possibilidades de construção de um projeto voltado para a emancipação humana que tenha em si uma análise crítica e transdisciplinar, emancipadora do espírito. Com isso, retoma-se a perspectiva de Walsh (2009), na qual os saberes decoloniais devem buscar, na transdisciplinaridade, interculturalidade e bem viver, formas de construir outras possibilidades de existências futuras.

O argumentado apresentado ao longo deste artigo buscou contribuir com o desenvolvimento de outras possibilidades de relações de reconhecimento e enfrentamento das assimetrias sociais, culturais, políticas, econômicas e institucionais, nas quais os saberes materialistas-desencantados subjagam os saberes espirituais e humanos, os observam, não abrem a possibilidade de a cosmovisão poder contribuir com a criação de outras respostas, ainda mais criativas, aos enfrentamentos das desigualdades sociais, mas, pelo contrário, trabalham na sua manutenção e alienação das condições objetivas e subjetivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A CIÊNCIA ESPIRITUAL PARA A DECOLONIALIDADE

A dimensão metodológica da ciência espiritual deveria garantir, por meio de uma formação humana, valores opostos à lógica materialista-desencantada que se tornou a racionalidade filosófica absorvida pelo capital. A perspectiva espiritual de Steiner está num campo de enfrentamento dos saberes materialistas hegemônicos, que, mesmo na perspectiva espiritual, não recorre como uma forma conservadora, mas progressista, para ajudar numa possível superação das contradições sociais oriundas do capitalismo, por meio de uma lógica espiritual.

A vida espiritual moderna foi transmitida à população trabalhadora, pelas classes dirigentes da humanidade, de forma a perder sua força para a consciência dessa população. Ao pensar nas forças capazes de trazer uma solução para a questão social,

isto deve ser compreendido antes de mais nada. Se esse fato continuasse a atuar, a vida espiritual da humanidade estaria condenada à impotência diante das reivindicações sociais do presente e futuro. (STEINER, 2011b, p. 45)

Com isto, é possível deduzir que, como as espirituais foram delineadas pelas classes dominantes, serviram de elementos fundamentais para atenderem os interesses das classes dominantes e de uma racionalidade materialista-desencantada. No limite, essa racionalidade possui como objetivo último extrair maiores taxas de lucro do trabalho socialmente produzido. Portanto, na perspectiva de Steiner, a questão espiritual deveria ser associada ao trabalho humano e à capacidade de autodeterminação, no sentido de permitir uma emancipação humana.

Ocorre aqui a tentativa de criar mediações e ligações entre o conhecimento espiritual e as bases das condições materiais, humanizando as próprias dimensões espirituais, que só podem existir graças à humanização da realidade objetiva. Nesse sentido, podemos deduzir da avaliação de Steiner que o proletariado poderá criar uma conscientização – em termos marxianos de consciência de classe –, a partir de elementos espirituais e humanos, que correspondem a uma dimensão ética fraternal.

Pode-se reconhecer que na exposição do verdadeiro caráter do movimento social-proletário a caracterização dessa vida espiritual deve aparecer em primeiro lugar; pois é essencial que o proletário perceba as causas de sua situação insatisfatória de vida, e também aspire à sua superação, de uma maneira que o sentimento e a aspiração recebem sua direção dessa vida espiritual. (idem, p. 44, grifo nosso)

Nesse sentido, fica claro que, mesmo Steiner não sendo membro de um partido comunista, ele está preocupado com o problema da emancipação humana, por meio de uma dimensão particular da formação humana: a ciência espiritual. Nesse sentido, o saber da ciência espiritual se torna um elemento fundamental para uma prática decolonial, pois permite ao professor, com base na compreensão de sua época, não se fechar aos saberes materialistas-desencantados, e tampouco um saber de uma ciência espiritual que busca apenas uma ascese individual, mas sim uma ciência espiritual que esteja atenta aos problemas de seu tempo.

Com isso, se há uma postura metodológica que observamos no início deste artigo, tal posição deve ser compreendida de forma a não negligenciar os saberes silenciados pelo regime de verdade de uma lógica materialista-desencantada. Esse saber materialista-desencantado, na medida em que faz um apelo apenas à dimensão cognitiva, ou à representação que o sujeito faz do mundo, impede, segundo Steiner, um saber de espiritualidade atuar na dimensão humanizadora e objetiva. Em meio a essa perspectiva materialista-desencantada, a ciência

espiritual se tornou uma abstração esvaziada de sentido coletivo, pela qual os seres humanos buscam apenas a ascese individual, e não uma emancipação humana.

Só que o tipo de vida espiritual sem liberdade não conseguiu, até agora, deixar esse cunho social vigorar. Dentro das classes dirigentes, as forças espirituais se desenvolveram de uma forma que, de maneira antissocial, restringiu as realizações dessas forças a certos círculos da humanidade. O que foi produzido dentro desses círculos só pôde ser apresentado artificialmente à humanidade proletária; e essa humanidade não pôde obter dessa vida espiritual nenhuma força sustentadora da alma, pois não participou *realmente* da vida desse bem espiritual. [...] Só lhe é possibilitado [ao proletariado], de certa forma, visualizar esse bem de um ponto de vista situado fora dele; o elemento da vida espiritual válido no mais estrito sentido possui, também, sua importância naquelas ramificações da atuação espiritual que, em razão do capital, afluem para a vida econômica. No organismo social sadio, os trabalhadores proletários não devem ficar junto de suas máquinas e ser apenas mencionados por suas empresas, quanto apenas o capitalista sabe qual é o destino, no ciclo da vida econômica, das mercadorias produzidas. O trabalhador deve poder desenvolver, com pleno engajamento no assunto, ideais sobre a maneira de participar da vida social na medida em que trabalha na produção das mercadorias. (idem, p. 91)

Nesse sentido, uma saída viável para Steiner seria uma dimensão de uma “afinidade eletiva” entre os aspectos espirituais e materiais, para a formação de um ser humano que seja capaz de alterar sua realidade objetiva. Portanto, para Steiner o trabalho não deve ser concebido sem levar em consideração a dimensão espiritual, como elementos resultados de uma formação humana, uma vez que a segunda funciona como uma chave que permitirá que uma nova sociedade possa florescer a partir da constante construção social, ou seja, “por meio dessa reformulação é criada entre as pessoas uma relação social mais adequada à vida [...] É preciso provocar o desenvolvimento.” (idem, p. 110).

É justamente essa perspectiva que, a nosso ver, possibilita uma decolonização do saber, desde uma perspectiva que aborda a ciência espiritual. E essa nos fornece um novo e amplo campo de saber que permite uma decolonização espiritual que contribua para o processo de emancipação humana, que, portanto, se assumam como uma transição, superação e emancipação da relação histórica e política local.

Assim como na epígrafe de Manuel de Barros, não saber quase tudo já explica todo o resto. Essa postura diletante busca resgatar os saberes e as cosmovisões que podem compor o campo da ciência espiritual, tal como argumentado por Rudolf Steiner.

REFERÊNCIAS

BACH Jr., Jonas. **Fenomenologia de Goethe e Educação**: a filosofia da educação de Steiner. Curitiba: Lohengrin, 2019.

STEINER, Rudolf. **A obra científica de Goethe**. (GA 01) Trad. Rudolf Lanz. São Paulo: Antroposófica, 1984.

STEINER, Rudolf. **Verdade e Ciência**: prelúdio a uma “Filosofia da Liberdade”. (GA 03). Trad. Rudolf Lanz. São Paulo: Antroposófica, 1985.

STEINER, Rudolf. **Teosofia**: introdução ao conhecimento suprassensível do mundo e do destino humano. Trad. Daniel Brilhante de Brito. 4. ed. São Paulo: Antroposófica, 1994.

STEINER, Rudolf. **A prática pedagógica**: segundo o conhecimento científico-espiritual do homem. Trad. Christa Glass. São Paulo: Antroposófica: Federação das Escolas Waldorf no Brasil (FEWB), 2000.

STEINER, Rudolf. **O método cognitivo de Goethe**: linhas básicas para uma gnosiologia da cosmovisão goetheana. 2. ed. (GA 02). Trad. Bruno Callegaro e Jacira Cardoso. São Paulo: Antroposófica, 2008.

STEINER, Rudolf. **Goethe y su visión del mundo**. (GA 06). Trad. Julia Hernandez Sans e Rafael Martín Artajo. Villa Adelina: Antroposófica, 2011a.

STEINER, Rudolf. **Os Pontos Centrais da Questão Social**: aspectos econômicos político-jurídicos e espirituais da vida em sociedade. São Paulo: Antroposófica, 2011b.

STEINER, Rudolf. **Los enigmas de la filosofía**: evolución del pensamiento a través de la história. Buenos Aires: Antroposófica, 2012.

STEINER, Rudolf. **A arte de educar baseada na compreensão do ser humano**. Trad. Maria do Carmo Lauretti. São Paulo: Antroposófica: Federação das Escolas Waldorf no Brasil (FEWB), 2013.

STEINER, Rudolf. **A Cultura atural e a educação Waldorf**: catorze palestras proferidas em Ilkley de 5 a 17 de agosto de 1923. Trad. Eleonore Pllklaesner, Sergio Correa, Jacira Cardoso. São Paulo: Antroposófica: Federação das Escolas Waldorf no Brasil (FEWB), 2014.

STEINER, Rudolf. **O estudo geral do homem**: uma base para a pedagógica. Trad. Rudolf Lanz, Jacira Cardoso. 6. ed. São Paulo: Antroposófica, 2018.

STEINER, Rudolf. **Três palestras sobre Pedagogia Popular**: nova orientação do ensino no sentido de uma vida espiritual livre. Trad. Carlos Lira. Edição bilingue. São Paulo: Hífen Editora e Círculo das Artes, 2020.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, Sociedad**: luchas (de)coloniales de nuestra época. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar/Abya Yala, 2009.